

ESTILÍSTICA E FUTEBOL: UM ESTUDO DAS CRÔNICAS LUDOPÉDICAS DE NÉLSON RODRIGUES

Claudio Cezar HENRIQUES¹

RESUMO

Neste artigo pretende-se abordar aspectos estilísticos que atuam nas relações léxico-semânticas e na construção discursiva, tomando como pano de fundo o futebol e tendo como "corpus" crônicas escritas por Nelson Rodrigues (1912-1980). Elas estão incluídas nos livros *A Pátria em Chuteiras*, com seleção e notas de Ruy Castro, e *Brasil em Campo*, organizado por Sonia Rodrigues. Após o fracasso da seleção brasileira na Copa de 2014, a famosa expressão "complexo de vira-latas" ressurgiu em solo brasileiro recolocando a dicotomia "fracasso x sucesso" na ordem do dia. As crônicas rodrigueanas fazem esse contraponto e defendem posições interessantes para a discussão do tema. O assunto, por si só, já poderia despertar a curiosidade e o interesse de leitores especializados e leigos, mas é provável que esta apresentação possa mostrar uma faceta menos conhecida dos estudos estilísticos.

PALAVRAS-CHAVE: estilística; discurso; literatura; futebol.

INTRODUÇÃO

O maior diário brasileiro especializado em esportes é o jornal LANCE, que mantém uma coluna autoral diária chamada "A Contracapa!". Nela, escrevem conceituados jornalistas, como Mauro Beting, André Kfourir, João Carlos Assumpção e José Luiz Portella. No dia 24 de dezembro de 2014, a coluna de José Luiz Portella usou a seguinte manchete "O Berço Esplêndido dos 7x1 – Escravos de Jó" (p. 24). O texto afirma que um somatório de erros leva o futebol brasileiro "ao berço esplêndido dos 7x1". A coluna tem um apêndice, batizado "Toques", no primeiro dos quais – intitulado "Milagre" –, ao comentar a derrota do San Lorenzo na final do campeonato mundial de

¹ Professor Titular de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ. Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11.139 – CEP: 20550-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: claudioch@uol.com.br

clubes da FIFA, vencido pelo Real Madrid, o jornalista retoma a recorrente referência ao Papa Francisco, torcedor do time argentino, e escreve:

Atribuído ao Papa, que não se furta a se identificar com os “cuervos” que vêm do bairro de Boedo, o milagre foi o San Lorenzo não sair goleado pelo Real Madrid, em jogo morno, chocho, sem graça como filme com final previsível.

Na sequência do texto, a desconstrução da influência do Papa leva o autor a empregar como recurso argumentativo a derrota humilhante do Santos, de Neymar e Ganso, na final de 2011 do mesmo campeonato: Barcelona 4x0. Se bem que também se pode/poderia acrescentar às desalentadas reminiscências santistas outra goleada, esta de 8x0, num amistoso “comemorativo” da estreia de Neymar no time catalão. O difícil é decidir qual desses dois “vexames” do time brasileiro foi o pior.

O trecho que desfaz o chavão do milagre papal e insinua que poucos prestam atenção ao significado dessas derrotas diz:

Mas, embora com fé, penso que o tal feito não tenha sido um milagre e sim a dedicação e estabilidade emocional dos argentinos. Infinitamente inferiores, souberam cozinhar o jogo de modo que não passassem o vexame do Santos diante do Barcelona. Não se atenta para isso.

Apresentadas as hipóteses, o jornalista investe em sua tese sobre o fracasso de nosso futebol. É o que está no último parágrafo da coluna, cujas palavras e expressões fazem com que nos lembremos de tudo que Nelson Rodrigues escreveu sobre o complexo de vira-latas do brasileiro:

O nosso futebol não só perdeu a qualidade técnica, vítima dos erros da má formação e da forma como boa parte dos dirigentes o conduz. Perdeu a alma do drible, da fantasia, do lançamento longo, preciso, e não conseguiu incorporar o que os hermanos têm de sobra: força mental e respeito próprio.

Outro jornalista esportivo bastante prestigiado no Brasil é Fernando Calazans, uma espécie de decano da crônica sobre nosso futebol. Calazans também ecoa as mágoas pelo declínio de nossos clubes e seleção. Em 11 de setembro de 2015, três dias depois de um amistoso entre Brasil e Estados Unidos, vencido pelos brasileiros por 4 a 1, escreveu uma crônica com o expressivo título de “Paixão Perdida”. Nela, começa afirmando que “existe um consenso de que nossa seleção, outrora a queridinha da torcida brasileira, perdeu prestígio e espaço não só com esse mesmo torcedor, mas

também com a mídia”. Uma prova de que isso de fato é verdade é o trecho em que, ironicamente, diz: “a seleção de Dunga, que fracassou na Copa América em jogos pra valer, é uma força internacional em... amistosos”.

Eliminada nas quartas de final, o time nacional deixou a competição com derrotas para a Colômbia e para o Paraguai e duas vitórias por 2a1, contra Peru e Venezuela. A torcida e a mídia não poderiam mesmo elogiar uma campanha assim medíocre.

A VOLTA DO “COMPLEXO DE VIRA-LATAS”

O complexo de vira-latas, explica Nelson Rodrigues em crônica de 31/05/1958 (S. Rodrigues, 2012b: 26), é a “inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. E se “o brasileiro é o sujeito que não sabe admirar, nem gosta de admirar” (S. Rodrigues, 2012b: 211 – 22/01/1976) e “não se faz futebol com bons sentimentos” (S. Rodrigues, 2012b: 83 – 26/09/1977), podemos tirar algumas boas conclusões do ponto de vista rodriguesano sobre a seleção brasileira, para ele sempre a melhor do mundo. Suas derrotas, acachapantes ou simplórias, têm explicações e interpretações fundamentadas pelo escritor em questões antropológicas, sociais e até literárias. Para ele, “no Brasil, o futebol é que faz o papel de ficção” (título de uma crônica sem data publicada em O Globo) porque nossos ficcionistas ainda não desconfiaram “que os nossos descobridores, os nossos argonautas de cristal, os nossos lusíadas, os nossos mares – estão no futebol” (S. Rodrigues, 2012b: 14).

Depois da Copa do Mundo de 2104, a crônica esportiva – alimentada pela goleada diante dos alemães – voltou à tese negativista que tanto incomodava Néilson Rodrigues, cujas crônicas ludopédicas devoram e reconstroem o tempo, desnudando ou reescrevendo a realidade, embora sob uma fisionomia particular. A história se repete? Em 2014, o Brasil experimentou de novo o sentimento de vira-lata, assim como aconteceu em 1966, depois do fracasso na Copa da Inglaterra?

(1) Percebi tudo: – perdida a Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito: – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Antes

do bom-dia, disse-me ele: – “Voltamos a ser vira-latas!”. (1999a: 122 – 26/07/1966)²

Atualizada no tempo e no espaço, a passagem do antigo cronista caberia como uma luva nos dias de hoje. Seria então Néelson mais um "historiador do cotidiano", como disse Olavo Bilac (1916: 200) numa crônica de 1907? Melhor do que dar uma resposta afirmativa seria dizer que tudo depende do olhar do leitor, que – para concordar com a expressão – precisará, provavelmente, admitir que o historiador é também um criador de versões, de mitos e de conclusões.

As ligações movediças entre palavras, ideias e estilo são um caminho aberto à imaginação e à arte (cf. Henriques, 2011: 104). No caso das crônicas rodrigueanas sobre as Copas do Mundo, o fato enfocado é mais do que um pretexto para uma reflexão do cronista sobre o que, na verdade, afeta o seu tempo: a credibilidade do próprio futebol verde e amarelo e, conseqüentemente, do povo brasileiro. Por isso, escreve: “Por que perdemos em 50? Porque o Uruguai era uma pátria e nós um time.” (1999a: 152 – 17/06/1970).

Embora a crônica seja, no mais das vezes, um gênero literário (narrativa curta, fixação do flagrante, eventuais reminiscências do enunciatador, temática livre), é preciso levar em conta que as crônicas esportivas têm um componente especial, a obrigatoriedade da verossimilhança. Não que uma crônica literária propriamente dita não possa ter também um vínculo com a realidade. Tal conexão, porém, é nesse caso facultativa. Afinal, se se pode muito bem considerar possível a escritura de uma crônica literária sobre um fato que indiscutivelmente não aconteceu, é deveras incomum imaginar-se que um cronista esportivo se debruçará sobre um jogo imaginário. Ao dizer incomum, referimo-nos à normalidade das coisas. Nunca se poderá dizer que a ficção é o único alimento da literatura e que o jornalismo só lida com a realidade³.

Néelson Rodrigues tem a capacidade de colocar o leitor no lugar do torcedor escritor, num processo de empatia com reflexões e sentimentos mútuos. É por essa peculiaridade de sair de si que Néelson atingiu o público durante mais de três décadas,

2 As citações que transcrevem passagens de crônicas escritas por Nelson Rodrigues estão acompanhadas da informação sobre a data de sua publicação.

3 Um único exemplo nos basta para mostrar como se dá a ficcionalização do jornalismo esportivo. Em abril de 1966, no primeiro número de Realidade (considerada um modelo transitório entre as revistas ilustradas e de informação), uma reportagem ficcional tinha o seguinte título: “Foi Assim Que Ganhamos o Tri”. A revista foi publicada meses antes de nossa seleção ser eliminada na primeira fase da Copa da Inglaterra e descrevia a campanha do “tri de 1966”.

transmutando o real no produto textual que talvez o leitor queira para, por um lado, divergir ou para, por outro lado, admirar e sentir-se despertado pelo prosaico para sua própria condição humana.

(2) Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há desculpa, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que os nossos *entendidos* diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas de pau, quase uns cabeças de bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo. (1999b: 215 – 22/06/1970)

Seus escritos, aparentemente superficiais, são narrados como em um diário, mesclados por pequenos achados que lhes vão conferindo a qualidade poética, surgida naturalmente, quase que por acaso, por alguém em sintonia com o povo e com suas preocupações, descortinando uma paisagem antes obscurecida ou até ignorada por completo. Foi isso que Néelson conseguiu realizar ao longo de sua trajetória como cronista (e não apenas esportivo).

Crítico feroz dos que queriam ver o futebol brasileiro europeizado, Néelson tinha argumentos contundentes para sustentar suas convicções: os campeonatos conquistados pela seleção brasileira. Para ele,

(3) a Copa do México desmontou a gigantesca impostura que a maioria criara em torno do futebol europeu. (...) Previa-se que os europeus não nos deixariam jogar. Eles é que não viram a cor da bola. Deixamos para os alemães e os ingleses as correrias irracionais. (...) Quanto à superioridade física dos europeus, vamos chorar de rir. Eu próprio cheguei a atribuir-lhes uma saúde de *vacas premiadas*. No México, verificamos que as *vacas premiadas*, de fitinha e medalha no pescoço, éramos nós. Por fim, quando entrávamos em campo, já a bola nos reconhecia e vinha lambe-nos as botas como uma cadelinha amestrada. (1999a: 160 – 07/1970)

Com isso, pretendemos dizer que existe um estilo rodrigueano de produzir crônicas esportivas. Não importa quantos estilos, ou definições de estilo, possamos encontrar. Como afirma Judith Irvine (2001: 22), eles são parte de um sistema de distinção, no qual um estilo contrasta com outros estilos possíveis, e o significado social representado por um estilo contrasta com outros significados sociais. É provável que isso seja óbvio, mas não se pode deixar de levar em conta que “as características de um estilo em particular não podem ser explicadas independentemente das demais”.

Outro ponto que não pode deixar de ser considerado é que essas relações contrastivas entre os estilos são mediadas ideologicamente, o que no caso de Néelson Rodrigues se fundamenta numa concepção existencial que recusa a realidade quando ela não contempla suas convicções de vida (aqui, futebolísticas).

“Tudo o que aconteceu na Copa da Inglaterra – contra nós, os argentinos e os uruguaios – teve a premeditação técnica de um crime perfeito.” (1999a: 121 – 26/07/1966) A Copa de 66, marcada por cenas de violência e por arbitragens tendenciosas em favor dos europeus, propiciou uma passagem que ilustra essa mediação:

(4) Amigos, é um equívoco funesto pensar que a última Copa [a de 66] está morta e enterrada. As grandes humilhações nacionais são temas permanentes e obsessivos. Assim como não esquecemos Canudos, nem esquecemos 50, assim continuamos atrelados à vergonha de 66. Daqui a duzentos anos, a derrota ainda será uma ferida a chorar sangue, e repito: – sangue vivo e perene. (1999a: 135 – 12/10/1966)

Mas há ainda um terceiro ponto sobre a estilística, e ele se vincula à estética, um dos aspectos estilísticos que muitos autores têm enfatizado. Concordamos com Irvine quando diz que interpreta a relação entre estilística e estética como um dos pontos que não atuam apenas como marca distintiva, “mas também como a consistência dos traços linguísticos que constituem um estilo” (2001: 22).

O espírito crítico de Néelson Rodrigues emerge sempre que um fato coloca em risco suas ideias sobre o selecionado nacional. Ele reúne elementos trágicos, nostálgicos e líricos na construção de suas metáforas, hipérboles e ironias. As Copas do Mundo que o Brasil perdeu não foram perdidas pelo verdadeiro futebol brasileiro, mas por injunções políticas, tramas maquiavélicas das confederações, erros crassos (da arbitragem, da cartolagem ou dos treinadores), a burrice dos *entendidos*, a insegurança (o complexo de vira-latas) – como mostram os trechos abaixo, que se referem apenas às Copas que o Brasil perdeu:

1930:

(5) O primeiro Campeonato Mundial foi em 1930. Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações. Tínhamos futebol, tínhamos talento, tínhamos gênio. Mas nenhum de nós acreditava em nós mesmos. Do nosso lábio pendia a baba clássica e bovina das humildades abjetas. (1999a: 112 – 06/1966)

1934:

(6) O segundo campeonato foi o de 1934. O ano da grande cisão entre a Confederação Brasileira de Desportos e a Federação Brasileira de Futebol. (...) Os dois lados só falavam em descascar a carótida do outro para chupá-la como laranja. Está claro que, em tal clima, que papel poderíamos fazer num Campeonato do Mundo? (1999a: 113 – 06/1966)

1938:

(7) Mais quatro anos e eis que o Brasil, pela primeira vez, teve uma chance real de vitória. E justiça seja feita: – o escrete brasileiro amadureceu e, não só isso, também a torcida. Já se insinuava uma dúvida na nossa humildade. Muita gente começava a desconfiar que talvez o futebol brasileiro fosse o melhor do mundo. (1999a: 113 – 06/1966)

1950:

(8) Depois de arrasar a Espanha, o Brasil tinha tudo para ganhar do Uruguai (até a finalíssima, o Uruguai só fizera exhibições medíocres). E o Brasil inteiro esperava uma vitória por grande escore. No sábado, véspera do último jogo, encontrei-me com o locutor Gagliano Netto. Perguntei-lhe: – “Quem ganha?”. Eis a resposta fulminante: – “Brasil 8 x 0”. Pois entramos por um cano deslumbrante, nas barbas de 200 mil brasileiros. Foi uma tragédia pior do que a de Canudos. Só os cretinos fundamentais estavam radiantes. (1999a: 186 – 26/03/1977)

1966:

(9) Por motivos que variam de caso para caso, o *entendido* não gosta do Brasil. Em 66, na Inglaterra, torceu pelo inglês, pelo alemão, pelo russo, pelo búlgaro – menos pelo brasileiro. Voltou da Inglaterra anunciando a falência do futebol artístico que era o nosso. Parece impossível que alguém seja inimigo da beleza. Pois o *entendido* o era. Só promovia o futebol europeu, e em especial o inglês, e aviltava o nosso. (1999a: p. 153 – 17/06/1970)

1974:

(10) A Holanda teve uma promoção furiosa. Mas perdeu para a Alemanha a Copa de 74. Ora, se alguém quer saber o que fez o Brasil – qualquer um de nós, baixando a cabeça rubro de modéstia, dirá: – “Ganhamos três campeonatos mundiais”. Portanto, o Brasil tem um lastro acachapante. A Holanda apenas perdeu uma finalíssima para os alemães. Não se diga que a Holanda não usou todos os recursos. Usou. Em especial a arma original e revolucionária do *chuveirinho*. Vocês tinham ouvido falar em tal? Nunca.

Pois os holandeses inauguraram contra a Alemanha o *chuveirinho*. (1999a: 182 – 09/06/1976)

1978:

(11) Os cretinos fundamentais da crônica queriam que o povo baixasse o pau na seleção. (...) Agora, vocês não sabem por que os lorpas e pascácios brigaram com o time nacional? Porque ele não imitou os defeitos do futebol europeu. (...) A propósito da Copa de 78, dizem alguns jornais alemães: – “O Brasil é o campeão secreto da Copa da Argentina”. Se a evidência quer dizer alguma coisa, os brasileiros ganharam de todos os vencedores de chaves. E mais: acabou maravilhosamente invicto. (1999a: 188-9 – 26/06/1978)

As três conquistas de Copa que Néelson viveu não foram, por isso mesmo, apenas festejadas nos méritos dos protagonistas a quem tanto o autor devotava seu louvor. Ao lado das descrições minuciosamente fantasiosas, o cronista compunha seu painel de ataque aos detratores de nosso futebol e de nosso país – como mostram os próximos trechos, que agora se referem apenas às Copas que o Brasil venceu:

1958:

(12) Um conhecido meu veio protestar: – “Pelé não pode ser craque! Com dezessete anos, ninguém pode ser craque!”. Na minha cólera, tive vontade de subir pelas paredes como uma lagartixa profissional. Mas o meu consolo foi que, ao mesmo tempo, saía no *Paris-Match*, que é uma revista mundial, uma vasta, erudita e compacta reportagem sobre Pelé. Lá vinha escrito: – “Pelé, rei do Brasil”. Enquanto aqui o brasileiro achava exagerado o próprio entusiasmo, uma revista parisiense punha o garoto brasileiro nas nuvens. Direi mais: – *Paris-Match* comportava-se diante de Pelé com a histeria de uma macaca de auditório. (1999a: 54 – 01/1959)

1962:

(13) Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu desembarca no Chile. Vinha certo, certo, da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequenino e fatal. De fato, ele viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem, o mesmíssimo futebol seria o desastre. Eis o patético da questão: – a Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana. (1999a: 80 – 06/1962)

1970:

(14) Quem devia escrever a história do tricampeonato era Mário Filho. Só ele teria a visão homérica do maior feito do futebol brasileiro e mundial. Nunca houve, na face da terra, um escrete tão humilhado e tão ofendido. (...) Até que chegou a hora de partir. Escrevi: – “Partiu o escrete. Terminou o seu exílio”. (...) Todavia, ninguém contava com o *homem brasileiro*. Cada um de nós é um pouco como o Zé do Patrocínio. O “Tigre da Abolição” era suscetível às mais cavas e feias depressões. (...) Para assumir a sua verdadeira dimensão, o escrete precisava ser mordido pelas vaias. Foi toda uma maravilhosa ressurreição. (1999a: 158-9 – 07/1970)

A ESCOLHA LEXICAL

A crônica esportiva, em especial a rodrigueana, possui uma dimensão que nos oferece uma visão global do contexto em que vivemos, já que o futebol é uma manifestação típica da cultura e da realidade brasileira. “Eu só sei viver com minha língua e minha pátria” – disse certa vez, como que deixando escapar o método que aprendera com o irmão Mário Filho, a quem atribuía a invenção de uma nova distância entre o futebol e o público, que fazia o leitor aproximar-se do fato. Se Mário foi o inovador, enriquecendo o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível, como afirmava Néelson, foi ele – Néelson – quem aprimorou na crônica esportiva sua dimensão literária, reconhecida por ele mesmo na “qualidade de nossa linguagem” (cf. Proença, 1976: 56).

Essa dimensão literária está marcada pelos recursos de escritura praticados pelo crítico implacável e irônico, capaz de criar hipérboles e metáforas altamente contundentes, mas ao mesmo tempo saborosíssimas, como ao escrever que “o mal da literatura brasileira é que nenhum escritor sabe bater um escanteio” (*in* S. Rodrigues 2012b: 252). Assim, ainda que por vezes suas crônicas estivessem impregnadas de sarcasmo ou de acusações, o bom-humor nunca deixava de comparecer, como podemos exemplificar nestas passagens:

(15) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chica-bon. (1999a: 18 – 19/05/1956)

(16) Amigos, a bola foi atirada no fogo como uma Joana d'Arc. Garrinha apanha e dispara. Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão – riso aberto, escancarado, quase ginecológico. (1999a: 79 – 06/1962)

(17) Continuo achando que bastaria um poente da folhinha para consagrar a natureza. Não há nada melhor como espetáculo, ou por outra: – só o espetáculo da burrice humana pode ser mais empolgante. De fato, um imbecil chapado é de arrepiar. (1999a: 91 – 02/06/1965)

(18) Eu sei que o brasileiro e Satã têm algo em comum. Como se sabe, o abominável Pai da Mentira é um impotente do sentimento. Não há, em toda sua biografia, um único e escasso momento de ternura. E o Satanás daria a metade de suas trevas por uma furtiva lágrima de amor. Pois bem. Já o brasileiro é o impotente da admiração. (1999: 110 – 15/06/1966)

(19) Imaginem vocês um velório de ministro. Lá estava o morto ilustre, mais condecorado do que uma árvore de Natal. O presidente da República comparecera, cochichando ao ouvido da viúva: – “Grande perda, grande perda!”. Mortalmente lisonjeada, a viúva quase caiu no chão, cravejada de brilhantes. Pois bem. E, súbito, ouve-se o berro: – “Olha o rapa!”. Foi um caos lá dentro. Senhoras subiam pelas paredes e se penduravam no lustre. Os homens se atiravam pelas janelas. Até o defunto saiu correndo. Eis o que eu queria dizer: – aí estava um retrato do Brasil e do brasileiro. Éramos assim antes das Copas da Suécia e do Chile. Na nossa humildade feroz de subdesenvolvidos, tínhamos esse complexo ululante do rapa. (1999a: 120 – 26/07/1966)

(20) Amigos, o meu personagem da semana é o cronista patricio que foi à Inglaterra. Pois bem: – saiu daqui bípede e voltou quadrúpede. Desembarcou no Galeão soltando, em todas as direções, os seus coices triunfais. Por aí se vê que o subdesenvolvido não pode viajar e repito: – não pode nem ultrapassar o Méier. A partir de Vigário Geral baixa, em nós, uma súbita e incontrolável burrice. (1999a: 123 – 02/08/1966)

(21) Ninguém admite uma fé sem Cristo, ou Buda, ou Alá, ou Maomé. Ou uma devoção sem o santo respectivo. Ou um exército sem napoleões. No esporte, também. Numa competição modesta de cuspe à distância, o torcedor exige o mistério das grandes individualidades. No futebol, a própria bola parece reconhecer Pelé ou Garrinha e só falta lamber-lhes os pés como uma

caadelinha amestrada. Ai do teatro que não tem uma Sarah Bernhardt ou uma Duse. (1999a: 130 – 04/08/1966)

(22) Quando falo em piratas, longe de mim qualquer intenção restritiva. Limito-me a uma constatação histórica. Nós sabemos que a história de um império influi nas boas e más ações de seus súditos. Vejam o jogo Alemanha x Uruguai. Em dado momento, o juiz inglês expulsa dois sul-americanos. Esse ato de cinismo lapidar é uma projeção da velha pirataria. (1999a: 135 – 12/10/1966)

N. do A.: As Quartas de Final da Copa de 66 ficaram marcadas não só pelo que ocorreu no jogo mencionado, mas também pelo jogo Inglaterra x Argentina, no qual um juiz alemão expulsou um jogador argentino. A “pirataria” de que fala Nélsion estava muito bem justificada nessa dupla “pilhagem”.

José Carlos Marques (2012: 140) chama de “jogo de espelhos” o recurso utilizado pelo cronista de inserir personagens e textos de outros autores à sua narrativa. Mas não podemos falar apenas nesses elementos (personagens, textos e autores), pois precisamos considerar também que Nélsion coloca em sua narrativa pessoas – reais e fictícias, verdadeiras ou inventadas. Chamaremos a essa prática de “metáforas de citação”, nas quais nem sempre há fidedignidade com a obra original ou preocupação com a verossimilhança. Afinal, o que interessa a Nélsion é criar o cenário mais apropriado para sua argumentação a favor do futebol brasileiro, para o qual não admite qualquer desvio de modelo – sobretudo se o modelo for imitar o futebol europeu. Nos exemplos acima, estão registradas pequenas menções a Joana d’Arc (16), a Sarah Bernhardt e Eleonora Duse (21). Outras, porém, são mais representativas desse recurso. Eis algumas que colhemos para ilustração:

(23) Eu sempre me lembro daquele personagem de Dickens que vivia clamando pelas esquinas: – “Eu sou humilde! Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!”. Era demais, como se vê. Mas, essa humildade espetacular e, por vezes, agressiva, já intimidava e acuava vizinhos, parentes, conhecidos e até desconhecidos. Quando ele passava na rua, havia, de imediato, o cochicho invejoso e consagrador: – “Lá vai o humilde!”. E o fulano não parava em casa, vivia saindo, para melhor passear e melhor exhibir a sua insolente humildade. (1999a: 17 – 19/05/1956)

N. do A.: O personagem, hipocritamente humilde no romance *David Copperfield*, é Uriah Heep. A frase que ele repete um sem-número de vezes ao narrador é: “Eu sou tão humilde”.

(24) Eu disse que se criou o hábito nacional de xingar Didi. E ele me lembra um pouco o caso do Eça de Queirós e do Bey de Túnis. Em Túnis, existe um Bey, ou deve existir. Se não existe faz de conta. E quando não havia outro assunto, o Eça descompunha o Bey, dizia-lhe os piores desaforos. Pois bem: – Didi também é uma vítima do torcedor sem assunto. (1999a: 58-9 – 21/03/1959)

N. do A.: Nélson faz uma crônica para enaltecer o futebol de Didi, acusado pela torcida e pela crítica de ser um jogador muito lento (“Longe de ser um chupa-sangue, trabalhou como um barqueiro do Volga”). Bey de Túnis, por sua vez, era um título de nobreza do Império Otomano. Eça de Queirós, que escrevia crônicas para um jornal de Lisboa, explica em carta a Pinheiro Chagas como superou a dificuldade de entregar um texto para publicar: “Sabe o que eu fiz numa destas agonias, sentindo o moço da tipografia a tossir na escada, e não podendo arrancar uma só ideia útil do crânio, do peito ou do ventre? Agarrei ferozmente da pena e dei, meio louco, uma tunda desesperada no Bey de Túnis... No Bey de Túnis? Sim, meu caro Chagas, nesse venerável chefe de Estado, que eu nunca vira, que nunca me fizera mal algum, e que creio mesmo a esse tempo tinha morrido. Não me importei. Em Túnis há sempre um Bey: arrasei-o.”

(25) O grande povo não pode ruborizar-se como os subdesenvolvidos. Não. Tem de ser cínico para crescer e repito: – a História prefere os cínicos. Estou lembrando-me de um filme antigo do falecido Errol Flynn. O herói era um pirata do mar. Depois de fazer as suas bandalheiras oceânicas, voltava à pátria. E acontecia, em palácio, essa coisa linda: – a Inglaterra xingava o pirata na sala de visitas e o condecorava na cozinha. (1999a: 121 – 26/07/1966)

N. do A.: O filme é “O Gavião do Mar” (*Sea Hawk*, de Michael Curtiz), de 1940. Errol Flynn faz o papel de Geoffrey Thorpe, um pirata aventureiro que ataca navios espanhóis em nome da Inglaterra (cf. Maltin, 2013: 1228).

(26) Eu quero terminar dizendo: – quando, após a partida de anteontem, o capitão inglês ergueu a mãos ambas a Jules Rimet, o urubu de Edgar Allan Poe declarava aos jornalistas credenciados: – “Nunca mais, nunca mais!”. E, de fato, como as outras Copas vão ser disputadas em terreno neutro, nunca mais a Inglaterra vai conseguir impor o seu futebol sem imaginação, sem arte, sem originalidade. E o cronista que foi nos dois pés e voltou nos quatro, que se cuide. O mesmo urubu de Edgar Poe diria que não se levantará, nunca mais, nunca mais, nunca mais. (1999a: 125 – 02/08/1966)

N. do A.: A partida é a final da Copa de 1966 (os ingleses derrotaram os alemães na prorrogação). Já “o urubu de Edgar Allan Poe” é na verdade um corvo. O poema “The Raven” (de 1845) tem dezoito estrofes de seis versos. As onze últimas terminam com a palavra “nevermore”, que significa “nunca mais”. Seis das sete primeiras terminam com “nothing more” (a segunda termina com “evermore”). Nas traduções mais famosas para o português, Machado de Assis e Fernando Pessoa divergem numa das onze estrofes finais, a décima-terceira, na qual Machado não usa a locução. Também divergem na organização das estrofes: Pessoa mantém os seis versos, mas Machado reorganiza as estrofes, fazendo-as com dez versos. Machado e Pessoa usam “nada mais” nas mesmas estrofes em que Poe usa “nothing more” e usam “jamais” na segunda estrofe.

CONCLUSÃO

O discurso de Néelson Rodrigues em suas crônicas ludopédicas tem características únicas. Não nos parece ter havido (ou haver) qualquer outro cronista esportivo que tenha sido tão ululante em suas manifestações clubísticas ou patriótico-futebolísticas. As possíveis distorções, exageros ou controvérsias que os idiotas da objetividade talvez possam encontrar em seus textos são, na certa, recalques dos metidos a *entendidos*, cabeças de bagre da crônica e da vida, que sempre entram por um cano deslumbrante...

Se observarmos o cenário do futebol ao longo dos últimos trinta e cinco anos, desde que Néelson faleceu, chegaremos talvez à conclusão de que o dilema que o mobilizou durante toda a vida no jornalismo esportivo ainda é muito parecido nos dias de hoje. Nossa seleção, de tempos em tempos, experimenta a desconfiança do torcedor e da crítica. A louvação do futebol europeu, não resta dúvida, ganhou ênfase, já que é para lá que vão os nossos melhores jogadores e são de lá os selecionados que venceram as duas últimas Copas do Mundo. Depois da Copa de 2014, tudo voltou com força total.

Para Fernando Calazans, o patriota de chuteiras desapareceu e, se o futebol brasileiro “quiser considerar, um dia, que o ano dos 7a1 terminou de fato”, pois “por enquanto só terminou de mentirinha”, será preciso enfrentar o que ele chama de problema crucial, “a pobreza técnica das novas gerações de nosso futebol”.

Como se vê, o sentimento de vira-lata subdesenvolvido não foi superado em nosso país (e isso não é algo que se resume aos gramados – nem hoje nem na época das crônicas de Néelson Rodrigues). Vivemos muito tempo um empate técnico entre a miséria e o progresso? Entre o “vira-lata complexado” e o “melhor do mundo”? Pode ser, mas o que nos moveu neste artigo foi o desejo de registrar o valor expressivo, lexical, cultural e discursivo dessas crônicas. Néelson dizia que “temos que acabar com a burrice para que ela não acabe com o escrete” (1999a: 92 – 02/06/1965). Em 1970, éramos “90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo”. Néelson se referia ao time de 70, mas podemos expandir a imagem para todos os escretos vitoriosos do Brasil, inclusive os dos campos, das fábricas e das indústrias, os das ruas... “Graças ao escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota” (O Globo: 22/06/1970).

Lis litem parit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bilac, Olavo. 1916. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Calazans, Fernando. 2015. “Paixão perdida” *Jornal O Globo*, 11 de setembro de 2015, p. 35.

Dickens, Charles. *David Copperfield*. Disponível em <http://www.planetebook.com>

Guarnelli, Ismael (Ed.). 1986. *O corvo*. São Paulo: Ed. Expressão.

Henriques, Claudio Cezar. 2011. *Estilística e Discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.

Irvine, Judith T. 2001. “Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation”. In: Eckert, Penelope & Rickford, John R. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: CUP.

Maltin, Leonard. 2013. *Movie Guide*. New York: Signet/Penguin.

Marques, José Carlos. 2012. *O futebol em Néelson Rodrigues*. São Paulo: EDUC.

Portela, José Luiz. 2014. "O berço esplêndido dos 7x1: Escravos de Jó". *Jornal Lance*, 24 de dezembro de 2014, p. 24.

Proença, Ivan Cavalcanti. 1976. *Nelson Rodrigues e João Saldanha: a crônica e o futebol*. Rio de Janeiro: EDUCOM.

Queirós, Eça de. 1945. *Obras completas de Eça de Queirós*. Porto: Lello & Irmãos.

Rodrigues, Nelson. 1999b. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras.

_____. 2007. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir.

_____. 1999a. *A Pátria em Chuteiras*. São Paulo: Cia. das Letras.

Rodrigues, Sonia (Org.). 2012a. *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. 2012b. *Nelson Rodrigues por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Obs. Colaborou na seleção de exemplos do livro *Brasil em campo* a aluna Priscila Mendes Viana, do Instituto de Letras da UERJ.

